



## O boom da memória e a retórica testemunhal: breve análise da obra literária de Flávio Tavares.

Délcio Marquetti\*

**Resumo:** Analisam-se as obras *Memórias do esquecimento*, *O dia em que Getúlio matou Allende* e *O Che Guevara que conheci e retratei*, do jornalista e escritor Flávio Tavares, a partir dos argumentos da escritora argentina, Beatriz Sarlo. As obras reportam-se a importantes momentos da história do Brasil e do mundo. Nas três obras, é possível identificar características para aquilo que Sarlo denominou de *retórica testemunhal*: a forte presença do detalhe e a opção pela narração em primeira pessoa do singular, as quais asseguram a qualidade romântica da narrativa (*modo realista-romântico*). Além disso, garantem o efeito de *realidade*, com forte apelo emocional, cujas obras permanecem em uma tênue fronteira entre o real e a imaginação, artifício literário em dado momento e, desabafo/vitimização, em outro; verdadeiro embate entre a história acadêmica e a história das massas.

**Palavras-chave:** Flávio Tavares. Modo realista-romântico. Retórica testemunhal.

**Abstract:** Flávio Tavares' composition (who is journalist and writer), *Memórias do esquecimento*, *O dia em que Getúlio matou Allende* e *O Che Guevara que conheci e retratei*, are analyzed in this article starting from the Argentinian writer, Beatriz Sarlo' arguments. The works are moderated to important moments of the world and Brazil history. In the three works, it is possible to identify some characteristics for what Sarlo called testimonial rhetoric: the great presence of the detail and the option for the narration in first person of the singular, which assure the narrative romantic quality (realist-romantic way). Besides, the characteristics assure the reality effect, with fort emotional appeal, whose works get in a tenuous line between the real and the imagination, literary artifice at a moment and, outflow/victimization, in other; true collision between the academic history and the popular history.

**Keywords:** Flávio Tavares. Romantic-realistic way. Testimonial rhetoric.

### 1. O boom da memória nos anos 1980 e 1990

---

\* Mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Doutorando em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professor na Universidade Federal da Fronteira Sul/Chapecó/SC.



Nas últimas décadas presenciou-se um aumento nas publicações que têm a memória como matéria-prima. O século XX, especialmente em sua segunda metade, viu florescer a descrença em relação ao racionalismo científico e suas possibilidades de condução e controle do homem e do processo histórico e, até, de planejamento seguro do futuro, pensamento este construído ao longo do século XIX. O fim dos regimes totalitários contribuiu, de forma decisiva, para com essa descrença. Várias nações e culturas, na virada do milênio, encontraram no passado (e no presente) segurança e certezas, antes projetadas para o futuro, com suas possibilidades de redenção pelo avanço científico e tecnológico ou pelo viés da política revolucionária.

A memória voltou-se para o centro do debate na pesquisa em várias áreas, impulsionou a valorização de artefatos e práticas culturais e cotidianas, danças, costumes, jeitos de viver e fazer, bem como de festas que têm a tradição como comemoração, como as festas de etnias ou de famílias.

No Brasil, os imigrantes reinventam traços de suas culturas e mesmo aspectos culturais de afrodescendentes ou populações indígenas, antes rechaçados, têm se tornado alvo de manifestações, as mais diversas, asseguradas sua proteção pela Constituição Federal de 1988, ganhando também espaço no âmbito acadêmico.

Houve um deslocamento de foco, no qual, de uma história centrada em estudos de estruturas e processos, de vertente marxista, que vigorou basicamente até a década de 1970, coloca-se, agora, o sujeito (de “carne e osso”) no centro da reflexão historiográfica. A escritora argentina Beatriz Sarlo, na obra *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva* (2007, p. 16-17) assim se refere a essa tendência:

As “histórias da vida cotidiana”, produzidas, em geral, de modo coletivo e monográfico no espaço acadêmico, às vezes têm um público que está além desse âmbito, justamente pelo interesse “romanesco” de seus objetos. O passado volta como quadro de costumes em que se valorizam os detalhes, as originalidades, a exceção à regra, as curiosidades que já não se encontram no presente.

Essa opção por temáticas do cotidiano como costumes, crenças, paixões, é o que a autora denominou *guinada subjetiva*, na qual a “identidade dos sujeitos voltou a tomar o lugar ocupado, nos anos 1960, pelas estruturas.” (SARLO, 2007, p. 19) e, por conseguinte, “a história oral e o testemunho restituíram a confiança nessa primeira pessoa que narra sua vida



(privada, pública, afetiva, política) para conservar a lembrança ou para reparar uma identidade machucada.” (Idem, p. 19).

Como objeto de estudo de vários campos do conhecimento como a história, a antropologia, a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, até a psiquiatria, no caso de sua ausência – a amnésia, o conceito de memória é, nas palavras de Le Goff (2003, p. 419-420), crucial e, torna-se caro aos profissionais que dele fazem uso, especialmente aos historiadores.<sup>1</sup>

Henry Rousso, que faz uma análise do uso e da pesquisa com a temática da memória na França, utiliza-se do conceito de memória coletiva de Maurice Halbwachs e entende a memória de forma ampliada, enquanto

...uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, “coletiva”, como sugeriu Maurice Halbwachs. (ROUSSO, 2006, p. 94)

Os usos da memória pela historiografia têm gerado caloroso debate<sup>2</sup>, dada à realidade de subjetividade da memória, marcada pela seletividade. Pierre Nora, partindo também de Halbwachs, faz importante distinção entre memória e história. Para o autor,

A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às

<sup>1</sup> “Fenômeno individual e psicológico (cf. *soma/psiche*), a memória liga-se também à vida social (cf. *sociedade*). Esta varia em função da presença ou da ausência da *escrita* (cf. *oral/escrito*) e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado (*passado/presente*), produz diversos tipos de *documento/monumento*, faz escrever a história (cf. *filologia*), acumular objetos (cf. *coleção/objeto*). A apreensão da memória depende deste modo do ambiente social (cf. *espaço social*) e político (cf. *política*): trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos (cf. *imaginação social, imagem, texto*) que falam do passado, em suma, de um certo modo de apropriação do tempo (cf. *ciclo, gerações, tempo/temporalidade*). As direções atuais da memória estão, pois, profundamente ligadas às novas técnicas de *cálculo*, de manipulação da *informação*, do uso de máquinas e instrumentos (cf. *máquina, instrumento*), cada vez mais complexos.” (LE GOFF, 2003, p. 419). Sobre o conceito de memória, ver também RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

<sup>2</sup> Ver TEDESCO, João C. (org). **Usos de memórias: política, educação e identidade**. Passo Fundo: UPF, 2002. BURKE, Peter. História como memória social. In: BURKE, Peter. **Variiedades de história cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2006, p. 67-89. BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**, lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.



evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo” (NORA, 1993, p. 09).

No calor desse debate, surgem e destacam-se projetos e obras que trazem à tona memórias do Holocausto, bem como dos traumas resultantes dos regimes de ditaduras militares perpetradas em países da América Latina, os quais constituem um verdadeiro *boom* de memória.<sup>3</sup> O segundo caso, dos relatos de sobreviventes das ditaduras militares, é o que nos interessa neste texto.

“Quais são as origens do ‘boom’ da memória? Quais são as suas implicações?”, pergunta Jay Winter (2006, p. 68). O autor concorda com Pierre Nora, que o tema do Holocausto “tem inspirado um amplo espectro de reflexões sobre a noção de memória, trauma e história.” (WINTER, 2006, p. 68), mas acrescenta outras fontes distintas, que nascem de uma “multiplicidade de fatores e desenvolvimentos sociais, culturais e econômicos de tipo eclético, mas que se entrecruzam.” (Idem, p. 69)

Para Márcio Seligmann-Silva (2000), a *catástrofe* da civilização é evidenciada pela onipresença do *choque*, e sua percepção já vinha sendo anunciada pela arte, como na poesia, *Perda de auréola*, do francês Baudelaire. Para o autor, o caso limite de choque manifestou-se no extermínio praticado nos campos de concentração – a *Shoah*. Um evento de hiper-realidade que põe em xeque as noções de verdade e de relativismo histórico, uma vez que, “enquanto objeto do conhecimento, possui uma característica única; ela não pode ser tratada sem restrições, sem que antes nos perguntemos se ela é sequer passível de ser estudada.” (SELIGMANN-SILVA, 2000, p. 77).

Para Henry Rousso, a memória lida com as feridas que não cicatrizam e dores que insistem em permanecer.

Assim, a história da memória tem sido quase sempre uma história das feridas abertas pela memória, não sendo no fundo senão uma manifestação, entre outras, das interrogações atuais e palpitantes sobre certos períodos que “não passam”: se admitirmos que a história dos historiadores é apenas uma das formas de expressão da memória coletiva, apenas um dos vetores pelos quais se transmite e se reconstrói o passado, então não admira que a história da memória seja antes de tudo uma manifestação da memória coletiva, no

<sup>3</sup> Ver: SILVA, Helenice Rodrigues da. Narrar, transmitir, representar: o testemunho de um sobrevivente francês (judeu e resistente) dos campos de concentração nazista. In: **Anos 90**. Porto Alegre, v. 15, n. 28, dez. 2008, p. 221-252. FELMAN, Shoshana. Educação e crise ou as vicissitudes do ensinar. In: NESTROVSKI, Arth; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 13-71. HUYSEN, Andreas. **Seduzido pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.



contexto um pouco confuso, da perda de referências dos anos 80 e 90. (ROUSSO, 2006, p. 95-96)

Nos anos 1980 e 1990, por ocasião dos processos de redemocratização levados a cabo no Brasil, Argentina e outros países, apareceram inúmeros relatos-testemunhos de vítimas das ditaduras, os que levaram Beatriz Sarlo a propor uma reflexão crítica ao que denomina “excesso de memória”.

A autora, intelectual de esquerda, militou na resistência ao brutal regime militar argentino. Não foi exilada e isso a tornou testemunha, em tempo integral, dos acontecimentos políticos registrados em seu país e, ao mesmo tempo, hoje, crítica da utilização exacerbada dos relatos para usos políticos de novos líderes.

Para a autora,

A memória foi o dever da Argentina posterior à ditadura militar e o é na maioria dos países da América Latina. O testemunho possibilitou a condenação do terrorismo de Estado; a idéia do “nunca mais” se sustenta no fato de que sabemos a que nos referimos quando desejamos que isso não se repita. Como instrumento jurídico e como modo de reconstrução do passado, ali onde outras fontes foram destruídas pelos responsáveis, os atos de memória foram uma peça central da transição democrática, apoiados às vezes pelo Estado e, de forma permanente, pelas organizações da sociedade. Nenhuma condenação teria sido possível se esses atos de memória, manifestados nos relatos de testemunhas e vítimas, não tivessem existido. (SARLO, 2007, p. 20)

Em sua obra, olha com certa desconfiança e chama atenção para o fato de esses relatos praticamente se constituírem em “verdade” ou, em versão mais ou menos única dos fatos. Denomina o primado do *detalhe* de “*modo realista-romântico* de fortalecimento da credibilidade do narrador e da veracidade de sua narração.” (SARLO, 2007, p. 51, grifo nosso) O tom de veracidade que os relatos-testemunhos assume é construído pelo excessivo detalhamento apresentado pelos narradores-testemunhas-personagens. O *modo realista-romântico* tem, ainda, a característica de compor um cenário romântico, onde jovens idealistas sonhavam e lutavam pela transformação da sociedade e do mundo, dispendo de suas próprias vidas, fosse o caso.

Os discursos testemunhais foram importantes, enquanto compromisso moral, para trazer a público, os atos violentos dos órgãos de repressão, diante da falta de documentos militares que dessem conta de suas próprias atividades enquanto perpetradores. A ênfase dada ao detalhe “afeta a intriga por sua abundância realista” (Idem, p.52), na narração dos



episódios vividos ou ouvidos, no forte desejo de convencer, de dizer que aquela é *a verdade* porque ele, o narrador, a vivenciou. Essa persuasão se dá através da retórica, na utopia de um relato completo, marcando o presente ao narrar o passado.

Beatriz Sarlo evoca o historiador a ordenar métodos, a historicizar os testemunhos, fazendo a análise crítica da subjetivação da experiência, pois “esses discursos testemunhais, sejam quais forem, são discursos, e não deveriam ficar confinados numa cristalização inabordável” (2007: p.47). Para Cláudio Pereira Elmir (2009, p. 141), a forte presença do detalhe produz um efeito de coesão, unidade e sentido no testemunho, ou seja, uma inteligibilidade narrativa e acaba, também, por submeter o relato à imaginação.

## 2. A retórica testemunhal na obra de Flávio Tavares

O jornalista brasileiro Flávio Tavares, hoje com mais de 70 anos, é um desses narradores-testemunhas-personagens. Esse profissional produziu obra significativa, na qual redigiu suas memórias da ditadura militar, sua prisão e seu exílio, as memórias de um congresso do qual participou na China (onde conheceu Salvador Allende) e as memórias da Conferência Interamericana Econômica e Social da Organização dos Estados Americanos – ocorrida em Punta del Este, no Uruguai, de 05 a 08 de agosto de 1961 – local em que conheceu e fotografou Che Guevara.<sup>4</sup>

A partir das argumentações de Beatriz Sarlo (2007) e Cláudio Pereira Elmir (2009), propõe-se testar as teses de Sarlo, na análise da obra de Flávio Tavares, comparando três de seus livros: *Memórias do esquecimento – os segredos dos porões da ditadura* (Record, 2005, 304 p.)<sup>5</sup>, *O dia em que Getúlio matou Allende* (Record, 2004, 338 p.) e *O Che Guevara que conheci e retratei*. (RBS Publicações, 2007, 64 p.).

O encontro entre história e jornalismo pode ser considerado recente. Para Jean-Pierre Rioux,

...esse encontro, essa discussão, podem sempre passar por perturbadores ou ilegítimos, pois as profissões do jornalismo e da história cresceram

---

<sup>4</sup> O autor publicou recentemente o livro *1961 – o golpe derrotado* (L&PM, 2012, 232 p.), no qual relata a experiência de participar junto ao Movimento da Legalidade, promovido por Leonel Brizola, que garantiu a posse de João Goulart, quando da renúncia do então presidente, Jânio Quadros.

<sup>5</sup> A primeira edição da obra, com o título *Memórias do esquecimento*, foi publicada pela Editora Globo, em 1999.



separadamente, há um século e meio, e, pouco a pouco, delimitaram seus respectivos territórios numa indiferença recíproca. (RIOUX, 1999, p. 120)

Para o autor, o jornalista foi considerado “...o homem apressado que relata fatos juntados, que acredita entregar a vida em estado bruto, mas que a simplifica e desfigura mediatizando-a em jato contínuo, que recolhe material de qualquer jeito e inventa fontes sem poder tratá-las.” (RIOUX, 1999, p. 121). Essa situação só foi alterada nos anos 1960 e foram “jornalistas que tomaram a iniciativa e atravessaram as fronteiras como desbravadores.” (Idem, p. 121).

Foi em 1962, quando Jean Lacouture lançou nas Editions du Seuil sua coleção “A História imediata” que o passo foi dado, muito alegremente e sob o aplauso dos leitores. Desde então, duas gerações de homens de imprensa que tinham crescido nos anos 1930 e participado das provas dos “anos negros” e da descolonização, (...) começaram a dizer bem alto em seus livros e artigos que o jornalista não se contentaria mais em registrar o eco da atualidade, que ele saberia produzir material elaborado e exercer seu olhar crítico, que ele se daria o direito de fundar uma história “imediata” que inseriria “o acontecimento mal esquadreado” cuspidos pelos telex – a expressão é de Lacouture – num percurso retrospectivo e numa problemática de interações entre o passado e o presente. O real vivido e mediatizado seria passado no crivo do método e da duração. (RIOUX, 1999, p. 122)

Rioux levanta um importante questionamento: “pode um historiador impedir alguém de exprimir-se sobre seu passado?” (Idem, p. 98). Tal questão nos reporta a uma espécie de perda do monopólio reivindicado pelos historiadores, pois entende que,

...um indivíduo, quer fale espontaneamente de seu passado e de sua experiência (publicando, por exemplo, suas memórias), quer seja interrogado por um historiador (tornando-se assim testemunha ou ator da história), não falará senão do presente, com as palavras de hoje, com sua sensibilidade do momento, tendo em mente tudo quanto possa saber sobre esse passado que ele pretende recuperar com sinceridade e veracidade. (ROUSSO, 2006, p. 98)

Jacques Le Goff, em sua obra *História e memória* – que tem inspirado inúmeros trabalhos de pesquisa voltados à temática – ao recuperar a origem da história na antiguidade, depara-se com os termos gregos e com o de raiz indo-europeia “wid-, weid-, ‘ver’”. (LE GOFF, 2003, p. 9) e afirma que,

Assim, a história começou como um *relato*, a narração daquele que pode dizer “Eu vi, eu senti”. Este aspecto da história-relato, da história-testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica.



Paradoxalmente, hoje se assiste à crítica deste tipo de história, devido à vontade de colocar a explicação no lugar da narração; mas, também, ao mesmo tempo, presencia-se o renascimento da história-testemunho por intermédio do “retorno do evento (Nora), ligado à nova mídia, ao surgimento de jornalistas entre os historiadores e ao desenvolvimento da “história imediata”. (LE GOFF, 2003, p. 9).

François Hartog utiliza-se do termo latino *superstes* para classificar a testemunha como “portadora de memória”.

Levada pela ondulação da memória, a testemunha, vista ela própria como portadora de memória, impôs-se pouco a pouco em nosso espaço público. É reconhecida, buscada, presente e até, à primeira vista, onipresente. A testemunha, qualquer uma, mas principalmente a testemunha como sobrevivente. Aquela que o latim designa por *superstes*, isto é, aquela que se mantém sobre a coisa mesma, ou aquela que subsiste além. (HARTOG, 2001, p. 13)

O jornalista Flávio Tavares, sem as pretensões cabíveis ao ofício dos historiadores, converte-se em testemunha e narrador de fatos, que vivenciou e que, ora faz uso e, onde, então, é possível identificar características para aquilo que Sarlo denominou de *retórica testemunhal*: a forte presença do detalhe (“acumulação de peripécias” SARLO, 2007, p. 56). Além disso, há a opção pela narração em primeira pessoa do singular, “como forma privilegiada diante de discursos dos quais ela está ausente ou deslocada” (Idem, p. 19), que assegura a qualidade romântica da narrativa, bem como do efeito de *realidade*.

Em *Memórias do esquecimento*, o autor narra suas atividades na militância contra o regime de exceção iniciado em 1964, no Brasil, e os suplícios sofridos, perpetrados por agentes da repressão militar.

Partindo-se de Sarlo, a análise do primado do detalhe é perfeitamente perceptível na cena retratada abaixo:

Logo que nos amarram, um a um, aos banquinhos, um oficial de casquete coloca-se à nossa frente no corredor largo e se apresenta: - Sou o comandante do avião, major Egon Reinisch, e tenho uma missão delicada: levar vocês ao México e entregá-los à Embaixada do Brasil, lá, e por isso vou pedir a colaboração de vocês. Em todo o trajeto, fica proibido falar. Quem precisar ir ao banheiro deve chamar o soldado. Primeiro vamos voar daqui ao Recife. Não se esqueçam da proibição de conversar ou falar. Espero a colaboração de vocês. Dá um passo em direção à cabine e volta para explicar que receberemos só uma caixinha de refeição: “Comam devagar e aos poucos, pois é para toda a viagem.” Logo veio a caixinha: um sanduiche de presunto e queijo, uma maçã,



um bolinho inglês adocicado, um saquinho de um quarto de litro de leite e respectivo canudinho. (TAVARES, 2005, p.137)

Segundo Sarlo, “A confiança no imediatismo da voz e do corpo favorece o testemunho.” (2007 p. 19). Lê-se ainda:

Um garçom de luvas brancas põe à minha frente dois pratos de bordas douradas e seis talheres de prata. Serve-me água num cálice de cristal e traz pãozinhos torrados e tabletes de manteiga, apetitosos mas inúteis, pois as algemas me impedem de juntá-los para levar à boca. Os aspargos da entrada são fáceis de comer, mas é difícil cortar o rosbife do prato principal. Uniformizados e solenes à minha frente, os dois garçons olham por baixo da mesa, *hipnotizados pelo surrealismo da cena*: além das algemas, estou descalço e de pés sujos, mas almoço como um príncipe. Ou um almirante. (TAVARES, 2005, p. 103, grifo nosso)

A cena parece simples demais. O narrador-personagem foi conduzido a um “salão luxuoso” do Ministério da Marinha. No entanto, consegue descrevê-la de forma que, detalhes que poderiam passar despercebidos, assumem importância central na cena. Nas palavras de Elmir (2009, p. 142), “...o flagrante do ínfimo, do quase imperceptível a olho nu, do aparentemente desimportante, é a tônica da narrativa.”

Para Maurice Halbwachs (1990, p. 47):

Toda a arte do orador consiste talvez em dar àqueles que o ouvem a ilusão de que as convicções e os sentimentos que ele desperta neles não lhes foram sugeridos de fora, que eles nasceram deles mesmo, que ele somente adivinhou o que se elaborava no segredo de suas consciências e não lhes emprestou mais que sua voz.

O primado do detalhe é também identificado nas demais obras analisadas. Em *O dia em que Getúlio matou Allende*, o fascínio exercido sobre os getulistas, definidos pelo autor como o povo simples, agradecido a Vargas, o presidente que estabeleceu a jornada de trabalho de 8 horas diárias, também encanta o próprio autor, atento aos detalhes, inclusive do próprio corpo de Vargas, como a cena de seu encontro com o presidente, na qual descreve que “Ao agarrar o lápis, impressionou-me a pelugem escura e o tamanho da mão direita. Tão enorme que, instintivamente, olhei a esquerda, que segurava o bloco: igualmente imensa e peluda, ambas desproporcionalmente grandes naquele corpo pequeno.” (TAVARES, 2004, p. 55).

Na obra *O Che Guevara que eu conheci*, o registro minucioso coloca o líder da Revolução Cubana em destaque na Conferência de que participou. O autor atenta para a



barba, a roupa, o andar e, até mesmo, o olhar de Che Guevara, cuja maneira de vestir-se, nas palavras de Tavares, parece revelar aspectos da própria personalidade do líder. “Num tempo em que a gravata preside tudo e não se concebe cerimônia sem o traje formal de colarinho engomado, sua jaqueta verde-oliva, folgada, sobre a camisa aberta e da mesma cor, lhe dá um toque de displicente nobreza.” (TAVARES, 2007, p. 18).

Conforme ressaltado por Elmir, o depoimento, nesses casos, fica submetido à forte presença da imaginação, cujo testemunho oscila entre “o *reconhecimento* (no passado) e a *invenção* (no presente, deste mesmo passado).” (ELMIR, 2009, p. 141. Grifo nosso).

É comum o narrador-testemunha revelar mais que uma simples cena, mas também os próprios sentimentos dos envolvidos, como se pode perceber na cena exposta abaixo, da obra *Memórias do esquecimento*:

Aquela moça loira de Bagé, olhos verdes, vivaz, bonita, sensual e inteligente, que seduziu o torturador no quartel da Polícia do Exército, no Rio, para salvar-se a si e salvar o namorado preso, não traiu o namorado nem traiu a si mesma. Traiu apenas o torturador, dirão alguns, mas nem sequer o traiu: deu-lhe mais poder, multiplicou-lhe o orgasmo mórbido, *fez que ele se sentisse senhor dos afagos e da maquininha de choque elétrico, mestre em deus e no diabo*. E assim, dando-lhe prazer e cada vez mais poder, *tirando-o por uns instantes daquele mundo de horror em que ele sentia prazer, ela fez que o torturador traísse o mundo soturno do interrogatório e da tortura e cada vez tivesse mais prazer, pois cada vez se sentia mais poderoso*. Tão poderoso que ele se punha acima da tortura e a poupava do horror. Ela nada tinha a ver com nada, mas merecia o horror porque o namorado que amava merecia o horror. O teu namorado sabia muito sobre nós e sobre tudo – se ele falasse, tudo se desmoronaria – e todos sentiram-se aliviados quando o pouparam do pau-de-arara e do choque elétrico. (TAVARES, 2005, p. 264, grifos nossos)

Como na cena do jantar (Idem, p. 103), em que os garçons assistem “hipnotizados” por seu “surrealismo”, também aqui, o narrador-testemunha revela uma capacidade de “ver o invisível, ou seja, olhar a cena e ver o sentimento.” (ELMIR, 2009, p. 144).

O autor pareceu “ver” o sentimento de Che Guevara, ao relatar que, na solenidade de hasteamento das bandeiras, “Ernesto Che Guevara olha à sua volta e vê as diferentes bandeiras. O que está nelas? Os povos ou os governos?” (TAVARES, 2007, p. 20). É o próprio autor quem afirma: “Volto a observá-lo e tento chegar além do visível.” (Idem, p. 26).

A obra *O dia em que Getúlio matou Allende* torna-se altamente reveladora da presença da imaginação, como nas anteriores. Ao contar sobre seu encontro, na China comunista, com



o senador chileno Salvador Allende Gossens e sua esposa Hortência, já no início da obra, Flávio Tavares parece tentar “ver o invisível” ao supor possíveis explicações para o suicídio de Vargas, que poderia ter dado a Allende:

Não soube responder. Poderia ter-lhe dito que por estar cansado e idoso ou, enfadado do poder, por ter-se convencido da propaganda dos adversários e acabar sendo derrotado por ela, ao assimilar as verdades e as mentiras como uma coisa só. Poderia ter-lhe dito que, assim, na solidão do topo do poder passou a acreditar-se débil, ou percebeu que estava envolvido numa teia que só era forte porque o aprisionava mas que, em tudo o mais, era fraca, incapaz de o sustentar... (TAVARES, 2004, p.12)

Tratam-se de suposições que não foram ditas ao senador chileno porque, segundo o autor, ele “... pouco sabia do mundo interior que late dentro do bicho-gente que somos todos nós, era um mocinho quase imberbe e pouco conhecia da vida.” (Idem, p. 12). Nota-se, já no início, o romantismo que permeia a obra toda, em que o autor, apesar de “pouco conhecer da vida”, como ele mesmo diz, relata suas experiências no congresso ocorrido na China, onde havia, à época, um forte desejo de mudança.

O autor desenvolve a obra na tentativa de explicar o que aparentemente parece inexplicável, buscando, na subjetividade dos fatos, captar sentidos para as duas mortes que relata em suas memórias: a de Getúlio Vargas e a de Salvador Allende. No caso de Allende, o autor parece propor uma explicação lógica para o título da obra.

Mais do que tudo, porém, aquele brilho nos olhos na manhã de setembro de 1954 no hotel em Pequim, quando *o suicídio de Getúlio Vargas deu-lhe o sentido de que só o sacrifício eterniza o poder*, é o que – até hoje – me dá a certeza de que Salvador Allende disparou contra si mesmo. Na manhã de 11 de setembro de 1973, seus olhos tinham o mesmo brilho de expectativa e de volúpia pelo desafio. O desafio de que cada qual desenha e executa o próprio destino.

Mas que o espelho do destino está à nossa frente. (TAVARES, 2005, p. 30, grifo nosso).

Quanto a Getúlio Vargas, o autor parece acompanhá-lo, de longe, na maior parte do tempo, na expectativa de penetrar em seu universo íntimo, tentando entender as razões do fascínio e influência que o poder parece exercer.

Algumas tardes o vi com um charuto entre os dedos, como se fosse a única companhia admitida naqueles momentos. Nenhum gesto, porém, de leva-lo à boca, nenhuma baforada. Pela manhã ou ao entardecer, sempre de casaco e



gravata, passos longos, a cabeça meditativa e baixa, olhando o chão, como a tirar da terra a solução do que buscava e no que pensava. (Idem, p. 41)

A observação, o olhar que atenta para o detalhe, busca, até mesmo, quiçá, entender o que levou o presidente ao suicídio em 1954. O autor constrói uma expectativa em torno da ideia da solidão do presidente, solidão responsável por sua morte.

Para os que estão fora do poder, o processo adulatório faz de Getúlio um super-homem. Aproximar-se dele é o desejo de todos e de qualquer um, mas ninguém se encoraja a acercar-se sequer do pedestal desse monumento em carne e osso que, de tão forte e inexpugnável, mais parece de mármore ou bronze.  
Começa aí a solidão? (Idem, p. 45)

Para a emblemática questão da solidão, o autor levanta a possibilidade de que o próprio poder isola por possibilitar aos bajuladores que se aproximem e comprometam amizades e confianças.

A bajulação nos tempos de ditador terá feito dele um solitário?  
Um solitário de uma solidão tão ampla e abrumadora que permaneceu dentre dele como uma marca e ao seu redor como uma sombra, mesmo quando ele volta ao poder “nos braços do povo” em janeiro de 1951, eleito por uma maioria avassaladora.  
O poder o premiava e o condenava àquele estar só. A solidão do poder era visível da janela do meu quarto de hotel, nesse 1953-54. (Idem, p. 46)

O reforço da ideia de realidade, outra característica apontada por Sarlo (2007), está presente na obra *Memórias do esquecimento*, no trecho em que o autor descreve que:

Na manivela da máquina de choque, o major F. girava forte e esbugalhava os olhos à espera do meu grito. E eu não conseguia gritar. A respiração se cortava, travando a língua. Só uns segundos depois, com a manivela rodando, os fios enrolados nos meus dedos e nas orelhas, sentia meus gritos, mas quase só eu mesmo me ouvia (TAVARES, 2005, p.21).

O que é mais real do que a tortura sofrida no próprio corpo, na dor infligida, a machucar e sangrar a sua carne? Para Elmir (2010, p.196), “Tavares se beneficia largamente de sua longa trajetória como jornalista” na construção de seu enredo, dificultando, assim, qualquer forma de separação entre linguagem, memória e corpo.



O livro *O dia em que Getúlio matou Allende* segue na mesma esteira. Na *Advertência* que o autor escreveu no início do livro, ele fez questão de enfatizar que “nada é inventado e tudo em verdade ocorreu” e, que “se desenvolve como num romance (...) tudo se deve a que, nas profundezas do seu íntimo, a realidade é assim: soa como ficção.”

Nas palavras de Jean-Pierre Rioux,

De administrador do efêmero, o jornalista pôde tornar-se, às vezes, um mediador que se interessa bem mais pelo vivo do que pelo inteligível e não está longe de se pretender instalar-se num papel de mestre de cerimônias, senão de demiurgo. Sua história “imediate” encheu-se da vibração de um “vivido” produzido, relatado e consumido sem ter que sair do dispositivo circular do meio termo. (RIOUX, 1999, p. 124)

Também o ingrediente do romantismo perpassa pelas obras, a exemplo do trecho abaixo, do livro *Memórias do esquecimento*:

Eu te salvei Ítala? [...] Argumentei que valia incomensuravelmente mais tê-la junto à opinião pública com o prestígio de jovem atriz – que despontava firme e seguro naqueles dias – e que ela seria a grande combatente sendo uma propagandista da causa. Esperneeie por estar convencido disso, de que a utopia necessita de musas públicas? Ou foi tudo mero acaso, e tu não embarcarias, mesmo, naquela romântica aventura de treinar para heroína e, depois, como outros e outras, morrer como um cão faminto atropelado na estrada? (TAVARES, 2005, p. 260-262).

Percebe-se nitidamente todo o romantismo de uma geração que vive seus ideais de forma heroica. A pergunta, “Eu te salvei, Ítala?”, demonstra a dúvida na certeza de não ter esquecido nada. Para isso, o autor discorre uma série de situações provocadas por ele, para que sua companheira de militância não fosse treinar guerrilha em Cuba. Dessa forma, ele não a envolveria, então, “naquela romântica aventura”.

Na obra em que retrata Che Guevara, toda a atenção se volta, então, para a figura do líder guerrilheiro, que acaba por se constituir em espécie de personagem central. Este enfoque perpassa os gestos, expressões, diálogos, carregados de subjetividade e saudosismo, captados pelas lentes da máquina e das emoções e sentimentos de Tavares. Também é o caso de Getúlio Vargas e, em alguns momentos, Salvador Allende em *O dia em que Getúlio matou Allende*, no entanto, Flávio Tavares permanece como testemunho e narrador, protagonizando as duas histórias na medida em que se insere nelas.



Fica a dúvida de como é possível, após passado tanto tempo, descrever cenas vivenciadas com tanta riqueza de detalhes se a memória nem sempre se constitui em repositório seguro daquilo que se passou.

### 3. Considerações finais

Conclui-se com o alerta de Sarlo (2007, p. 52) no qual, se o relato, cujo detalhe tende a garantir sua veracidade, não for submetido à crítica, acaba por afetar a intriga “por sua abundância realista, isto é, por seu aspecto *verossímil*, mas não necessariamente *verdadeiro*.” (Grifo nosso)

A literatura de testemunho assume inquestionável importância na medida em que proporciona uma forma de registro do ocorrido. No entanto, trata-se de um discurso específico em que a suposta realidade, como no caso das demais fontes de que se utiliza a historiografia, nos chega filtrada pelos autores e, em que o leitor não especializado pode facilmente assumir a fala das testemunhas como *a realidade* sobre o assunto narrado, justamente em função do dito “efeito de realidade” que conseguem criar, com forte apelo emocional. Estas obras permanecem em uma tênue fronteira entre o real e a imaginação, artifício literário em dado momento e, desabafo/vitimização, em outro.

A complexidade das problemáticas que se apresentam ao historiador frente ao passado tende a ser, dessa forma, reduzida, e grandes questões suscitadas podem se dar por facilmente solucionadas e explicadas quase que de forma definitiva. É o embate entre a história acadêmica e a história das massas, de que fala Sarlo (2007, p. 13-14).

O trabalho do jornalista-testemunha é bem-vindo. Suas obras destacam-se pela força literária que lhe são características e pelo relato de podemos ter acesso. Embora a subjetividade também esteja presente em outro depoimento qualquer, captado pelo gravador do historiador, a obra de Flávio Tavares diferencia-se justamente por ser literatura, e, no caso, desfrutar de certa “liberdade” na construção do discurso, que não é gozada pelo historiador; o qual, retomando Beatriz Sarlo, deve atuar no sentido de contribuir para que tais discursos (narrativas) não fiquem “confinados numa cristalização inabordável” (2007: p.47).



## Referências Bibliográficas

ELMIR, Cláudio Pereira. A palavra como bisturi. In: PEDRO, Joana Maria; WOLFF, Cristina Scheibe. **Gênero, feminismo e ditaduras no Cone Sul**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2010, p.191-207.

\_\_\_\_\_. Histórias dos sentidos e da imaginação: as memórias de Flávio Tavares. In: **História Unisinos**. 13 (2), Maio/Agosto 2009, p. 140-145

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HARTOG, François. A testemunha e o historiador. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Fronteiras do milênio**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001, p. 11-41.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”, In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n. 10, dezembro de 1993, p. 07-28,

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. In: **Usos & Abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 93-101.

RIOUX, Jean-Pierre. Entre história e jornalismo. In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Tradução Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 119-126.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.) **Catástrofe e representação: ensaios**. São Paulo: Escuta, 2000, p. 73-98.

TAVARES, Flávio. **Memórias do esquecimento** – os segredos dos porões da ditadura. 5 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Che Guevara que eu conheci e retratei**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2007.

\_\_\_\_\_. **O dia em que Getúlio matou Allende**. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.



WINTER, Jay. A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história. SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). **Palavra e imagem: memória e escritura**. Chapecó: Argos, 2006, p. 67-90.

**Recebido em 01 de dezembro de 2011**  
**Aprovado em 04 de dezembro de 2012**